

Limiar de *Mulheres e as babuchas*, exposición de 30 mulleres artistas intervindo unhas babuchas marroquinas, comisariada por Renata Carneiro en 2012-2013

De pernas para o ar

**Texto: Estíbaliz Espinosa
trad. a portugués de Renata Carneiro**

A empatia atravessa-nos. Ela move o mundo. Convida-nos a imaginar-nos «na pele» dos outros, para vermos as coisas com outros olhos. A expressão inglesa, com o mesmo sentido, «calçar os sapatos dos outros» (*to be in somebodys shoes*) funciona como persuasão metafórica para nos descalçarmos e nos pormos na fila para experimentarmos o sapatinho de cristal.

Numa determinada perspectiva histórica, mais do que cabeças femininas, o que parece ter havido em abundância são pés. Mais do que o cérebro, o centro de atenção foi o peito do pé feminino, os dedos apertados, a curva do seu arco. Os pés da mulher deixam uma marca, não só por causa do seu caminhar, mas também por causa do seu estatuto social e respectivo futuro. Por isso, o famoso sapato de cristal só cabe num pé pequeno, que não pode ir muito longe sozinho, definido pela fragilidade, como a própria cinza que dá nome à *Cinderela (*cinder* = cinza). Não muito longe, repousam os pés das chinesas, envoltos como casulos de bichos da seda até que os ossos se queixem: pés que representam a impossibilidade de caminhar com desenvoltura, para além do erotismo de tudo o que permanece oculto e tapado. No filme japonês *O intendente San-sho* (K. Mizoguchi, 1954), uma mulher é ultrajada por vingança. Primeiro separam-na dos seus filhos e a seguir cortam-lhe os tendões dos pés. Converte-se, assim, numa eterna prisioneira, que nunca poderá ir à procura daqueles que ama.

Berta do Pé Grande, mãe de Carlos Magno, tem esta alcunha por causa de um dos seus pés, um pé enorme de guerreiro, segundo a lenda. O exagero da deformação talvez tenha servido, neste caso, para sublinhar o pressentimento maternal dos poderosos pés que marcariam a Europa Central nos anos que viriam. Mas Berta, em si, não é Grande. Grande é o seu filho, o Magno.

A única coisa que se destaca nela sucede a partir de um dos tornozelos e só até ao metatarso. Uma pequena grandeza, a sua.

Pés que correm de um lado para o outro, seduzem, acariciam, tapam-se, agasalham-se em peles e aquecem-se junto ao fogo ou

refrescam-se na água. Ouve-se um murmúrio no mosaico. É a leveza de Xerazade, que quase parece levitar sobre um tapete invisível. Aonde irá esta mulher? É sua a única história que ela mesma finge narrar. Os pés de Xerazade, mais insinuados do que mostrados, nunca marcam as páginas da história, a não ser à margem.

Anda pelo mundo uma assassina confessa de Xerazade. No livro-manifesto de 2011 “*Eu matei Xerazade*”, a poeta e jornalista libanesa Joumana Hadad descalça-se e fala de mulheres que, como ela, são árabes, lêem, masturbam-se, não são submissas, não usam véu, se não lhes apetece, e não se ajoelham aos pés de um sultão para negociar.

Xerazade, aí tens as babuchas. Sai do palácio. Talvez penses que o que sabes te isola, mas também te emancipa e protege. A tua astúcia faz-te sobrevoar. Anseias ser independente e luzir como azeite numa lamparina. Nada de segundo plano, nada de marco da história. Estás à margem e dentro da própria história, passeando com os dois pés impacientes sobre um chão descrito com tinta sobre papel.

O governo marroquino, depois das mudanças constitucionais da primavera árabe, enfeita com uma única mulher ministra a equipa dos seus 30 altos dignitários. A sua previsível pasta: Solidariedade e Família. Nas palavras da antropóloga Hayzat Zirari, uma democracia não garante automaticamente a igualdade.

As universais babuchas não parecem poder ser trocadas entre homens e mulheres. No entanto, nada na forma de uma babucha nos faz supor que uma mulher não possa usá-las. São flexíveis. É um calçado cómodo e fresco, com ou sem tacões, com ou sem cores, unissex.

Várias mulheres artistas desfizeram a forma da babucha e despojaram-na da sua funcionalidade imediata. Viraram-na como uma peúga, mas, como sucede com a flauta de Marsias, quando viramos ao contrário certas ideias, o som já é outro. Se o cérebro humano aumentou de tamanho foi precisamente para dar cabimento ao acto revolucionário de caminhar sobre duas pernas. Mudar a ideia do que nos ajuda a andar, o seu destino, a sua utilidade, pode fazer desaparecer alguma das peças que compõem a maquinaria pesada do pré-concebido.

Nada nos pés de uma mulher nos indica que o seu caminhar tenha de seguir sempre a mesma trajectória. Os pés mudam ao longo da história como os sapatos que nos calçam, desde as socas filhas das holandesas e primas dos *geti* japoneses até aos sapatos vermelhos de Dorothy no *Feiticeiro de Oz*, desde os botins medievais bordados a ouro até aos chapins antigos de cortiça com meio metro de altura ou às sapatilhas silenciosas com as quais se pode correr sem quase tocar

no chão. Os pés calçados mudam na obscuridade tecida das suas celas e, com eles, mudam também as ideias que circulam entre a ponta dos dedos e o cérebro que os impulsiona a andar.

* Cinderela, em Espanhol, é Cenicienta, que vem de ceniza, cinza, por estar sempre na cozinha junto do fogão e da cinza.

Limiar do catálogo *Mulheres e as babuchas*, exposición de 30 mulleres artistas intervindo unhas babuchas marroquinas, comisariada por Renata Carneiro en 2012-2013

:: patas arriba::

A empatía socávanos. Move o mundo. Bótanos ás beiras doutro embigo. Anímasenos a imaxinarnos "na pel" ou "no pelello" alleos para ver as cousas cos seus ollos. Co mesmo sentido, a expresión anglosaxona "poñerse nos zapatos doutro" [*to be in somebody's shoes*] funciona como metafórica persuasión para descalzarnos e poñernos á cola na proba do zapatíño de cristal.

Dende certa perspectiva histórica, más que cabezas femininas o que parece ter habido abondo son pés. Antes que o seu cerebro, o foco de atención levárono as empeñas femininas, os seus dedos apertados, a curva do seu arco. Os pés de muller trazan a pegada non só do seu camiñar, tamén do seu estatus social e do seu futuro. Por iso, o famoso zapato de cristal unicamente encaixa nun pé pequeno, incapaz de ir moi lonxe só, definido pola fraxilidade, como a propia cinza que dá nome a Cincenta. Non moi lonxe, repousan os pés das mulleres chinesas, envurullados como casulos de verme ata que os ósos se rendan: pés que representan, ademais do erotismo do que permanece oculto e vendado, a imposibilidade de camiñar con soltura. Na película xaponesa *O intendente San-sho* [K. Mizoguchi, 1954], unha muller é aldraxada por vinganza: primeiro separándoa dos seus fillos e logo cortándolle os tendóns dos pés. Converte así nunha prisioneira eterna que xamais poderá saír na procura dos que ama.

Berta do Grande Pé, nai de Carlomagno, recibe ese alcume por un dos seus pés, un pé enorme, de guerreiro segundo a lenda. Quizais a amplificación da deformidade sirva neste caso para subliñar o presentimento maternal dos poderosos pés que triparían Centroeuropa os anos vindeiros. Pero Berta, en si, non é Grande. Grande é o seu fillo. O Magno. O único salientable nela acontece a partir dun dos seus nocellos e só ata o metatarso. Unha grandeza breve a súa.

::::::::::::::::::

Pés que corrican, seducen, aloumiñan, tápanse, enfúndanse en peles e quéntanse xunto ao lume ou refréscanse con auga. Óese un murmurio nas baldosas. A lixeireza de Sherezade, que case parece levitar sobre unha alfombra invisible. Onde irá esta muller? Non

debería deixarnos agora así, coa sola a medio coser. É a súa a única historia que ela mesma elude narrar. Os pés de Sherezade a medio calzar, a medio contar, nunca pisan as páxinas da historia, só as súas marxes.

Anda polo mundo unha asasina confesa de Sherezade. No libro-manifesto do 2011 *Eu matei a Sherezade* a poeta e xornalista libanesa Joumana Hadad descálzase e fala de mulleres que, como ela, son árabes, len, mastúrbanse, non son submisas, non usan veo se non queren, non se axeonllan aos pés dun sultán para negociar. Sherezade, eis as babuchas. Sal do palacio. Talvez penses que o que sabes te isola, pero tamén te emancipa e protexe. A túa astucia móntate sobre ela e sobrevóate. Ardes por andar soa como aceite nunha lámpada. Nada de segundo plano, nada de marco da historia. Estás dentro do marco e da propia historia, pateando cun par de impacientes pés sobre un chan descrito en tinta, sobre papel.

::::::::::::::::::

O goberno marroquí, logo dos cambios constitucionais tras a primavera árabe, adorna cunha soa muller ministra o equipo dos seus 30 altos dignatarios. A súa previsible carteira: Solidariedade e Familia. En palabras da antropóloga Hayat Zirari, unha democracia non leva necesariamente aparellada a garantía de igualdade.

As universais babuchas non parecen intercambiables entre homes e mulleres. Nada na forma dunha babucha nos fai supoñer que unha muller non poida usalas. Son flexibles. Un calzado cómodo e fresco. Con ou sen tacóns. Con ou sen cores. Unisex.

Varias artistas mulleres desfixeron a forma da babucha únicamente masculina, despoxárona de funcionalidade directa, déronlle a volta como a un calcetín pero, como sucede coa frauta de Marsias, una vez que poñemos patas arriba certas ideas o son xa é outro. Se o cerebro do erectus aumentou de tamaño foi precisamente para dar acubillo ao revolucionario acto de camiñar sobre dúas pernas. Mudar a idea do que nos axuda a andar, o seu destino, a súa utilidade, pode xirar algunha das pezas que compoñen a maquinaria pesada do preconcibido.

Nada nos pés dunha muller nos indica que o seu camiñar haxa de seguir sempre a mesma traxectoria. Os pés mudan ao longo da historia como os zapatos que os envolven, dende as madroñas fillas das holandesas e primas dos *geta* xaponeses ata os zapatos de rubí de Dorothy n'O mago de Oz, dende os botíns medievais fiados en ouro ata os chapíns venecianos a medio metro do mundo ou as zapatillas silandeiras coas que se pode correr sen apenas tocar o chan. Todos esos pés calzados mudan na escuridade tecida das súas

celas e, con eles, tamén as ideas que circulan entre a punta das dedas e o cerebro que os impulsa a andar.

Estíbaliz Espinosa, outubro 2012